



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Artur Azevedo
Herói à força



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Herói a força
Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Escrita em 1886.

Livro Digital nº 507 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

HERÓI À FORÇA
ÓPERA CÔMICA EM TRÊS ATOS
ADAPTADO À CENA BRASILEIRA — 1886



PERSONAGENS:

LUISINHA

VALENTIM BRAGA (latoeiro)

JORGE BRAGA (capitão) }
GREGÓRIO (sargento) } gêmeos

MATIAS DE ALBUQUERQUE (Governador de Pernambuco)

PANTALEÃO DE ARAGÃO (capitão de navio)

VICENTE

UM AJUDANTE DE ORDENS

UM SOLDADO

OUTROS

UM REPOSTEIRO

UM CAPELÃO

UMA NOIVA

Latoeiros: mulheres, crianças, oficiais, soldados, banda marcial, convidados de ambos os sexos.

A ação passa-se em Pernambuco, no século XVII, durante a guerra dos holandeses; o primeiro ato no Recife, o segundo em Jaboatão, e o terceiro em Olinda, no palácio do Governador Matias de Albuquerque.

AO PROPECTO ATOR ANTÔNIO JOSÉ AREIAS

Aceitando a dedicatória desta peça, a que tu, o grande Vasques, e outros colegas teus, muito distintos, ides, sem dúvida alguma, dar um magistral desempenho, dá-me licença para contar-te ligeiramente a história do *Herói à força*, e pô-la nestas páginas à laia de advertência.

Há seis anos chegou a esta Corte, vindo de Portugal, e foi fazer parte da Companhia Heller, que então funcionava na Fênix Dramática, um ator, teu compatriota, cujo nome não preciso aqui citar.

Poucos dias depois de entrar para a Fênix, esse ator veio ter comigo e disse-me:

— Tenho em meu poder uma comédia por mim representada centenas de vezes em Portugal, e sempre com muito agrado. Mas infelizmente é uma peça sem música; não pertence ao gênero adotado pelo Sr. Heller. Desejo que me transforme essa comédia numa opereta, fazendo-a pôr em música por um compositor de talento. Só assim poderá ser representada na Fênix.

No dia seguinte, entregou-me um manuscrito, cuja primeira página rezava assim: "*O Herói à força*, comédia de espetáculo em 3 atos, imitação por A. de Menezes."

Imediatamente procedi à leitura, e reconheci que outra coisa não podia ser essa comédia senão *Le Brasseur de Preston*, velha ópera-cômica francesa, que eu apenas conhecia de tradição. O imitador tirara-lhe todo o canto. É singular que, sem esse atrativo, embora bem representada, a peça lograsse tanto êxito em Portugal. Imagina um *libretto* de ópera-cômica... sem música!

Debalde procurei então por toda parte um exemplar de *Le Brasseur de Preston*. Afinal, resolvi extrair a opereta da própria comédia manuscrita. Feito esse trabalho, incumbi de pô-lo em música o Senhor Federico Guzmán, distinto pianista e compositor chileno que se achava então de passagem nesta Corte. Infelizmente o trabalho do *maestro* não agradou ao empresário, o que não quer dizer que me desagradasse a mim, e o Senhor Guzmán levou consigo a partitura, quando se retirou, em 1882; para a Europa, onde faleceu há pouco mais de um ano.

Entretanto, o ator a que acima me referi, retirando-se da Fênix, esquecido do que convencionara comigo, representou no Politeama

Fluminense (e sem me dizer palavra) a comédia tal qual fora arranjada pelo Senhor A. de Menezes.

Pouco depois desse ato, que eu não qualificarei, o artista repatriou-se, e nunca mais ouvi falar dele.

Em 1883 o meu amigo Sr. Abdon Milanês, que hoje todo o público fluminense conhece e aprecia, pediu-me um *libretto* para pôr em música. Lembrei-me do *Herói à força*, e em boa hora, porque o jovem *maestro* saiu-se admiravelmente; refiz o meu trabalho, e desta vez em presença do próprio original, que finalmente obtive. Não fiz propriamente uma tradução, mas uma "adaptação à cena brasileira". Transporte para Pernambuco, um pouco a trouxe-mouxe, confesso, a ação da comédia, e dei-lhe por época o Século XVII, que se prestava perfeitamente à trama do *libretto*. Introduzi no terceiro ato um personagem histórico, ousadia que, espero, me será desculpada, porque, em casos análogos, outros o têm feito antes de mim, e com menos verossimilhança. Conservei o título de *Herói à força*; certamente os meus escrúpulos se oporiam a isso, se eu não tivesse notícia, pelo referido Guzmán, de que havia com o mesmo título uma tradução espanhola da mesma peça. Além disso, *Herói à força* era um título que se impunha a este trabalho; a uma criança não ocorreria outro, e a mim me admira que os autores franceses não o houvessem aproveitado.

Tudo isto escrevo, meu Areias, para deixar aqui bem patente que este trabalho é uma adaptação de *Le Brasseur de Preston*, ópera-cômica em três atos, dos Senhores de Leuven e Brunswich, posta em música por Adolphe Adam, e representada pela primeira vez em Paris, no Teatro da Ópera-cômica, em 31 de outubro de 1838; nada aproveitei do *Herói à força* que há tempos foi exibido, uma ou duas vezes no Politeama Fluminense, por um simulacro de companhia dramática.

Um aperto de mão do amigo agradecido e admirador sincero,

Artur Azevedo
Rio de Janeiro, setembro de 1886.

ATO I

Interior de uma oficina de latoeiro. Por toda parte artefatos de folha-de-flandres. Bancos. Porta à esquerda. Portão ao fundo, com sineta. Esse portão diz para um pátio.

CENA I

Vicente, que entra da esquerda e vai tanger a sineta; os latoeiros, que entram do fundo, em confusão; depois Valentim.

CORO DOS LATOEIROS

Ao som da sineta
Corramos depressa!
São horas! Começa
Nossa obrigação!
De folha-de-flandres
Mil coisas fazemos,
E aos anjos peçamos
Que as venda o patrão.
No fim das semanas
As férias não falham,
Pois aos que trabalham
Protege o Senhor.
Portanto, rapazes,
Vá lá! Mãos à obra!
Vá lá! que nos sobra
Vontade e vigor!

VICENTE

Vocês têm razão.

CORO

Bons dias!

VICENTE

Rapazes, razão lhes dou...

Deus fez o mundo em seis dias,

No sétimo descansou;
Portanto, a Deus imitemos:
A semana trabalhemos
E ao domingo descansemos!
Descanse quem trabalhou.

CORO

Não apoiado!
Qual descansar!
Fez-se o domingo Para bailar,
Folgar,
Brincar!
No fim das semanas, etc.

(Dispõem-se todos para trabalhar; Valentim entra da esquerda)

VALENTIM

Alto lá! Alto lá!...
Hoje aqui ninguém trabalha
Em casa de Valentim!

CORO

Como assim?
Diga lá!

VALENTIM *(trazendo por um gesto todos ao proscênio)*

COPLAS

I

Um grandioso, audaz projeto
Eu concebi;
Por isso vai hoje sueto
Haver aqui.
Para vós todos prontamente
Ver folgazões,

Eu vou distribuir contente
Uns patacões!

(Distribuindo moedas de prata de um saco que traz na mão)

CORO

Aqui está!
Tomem lá
Patacões!...
Venham lá,
Venham já
Patacões!...

II

VALENTIM

Qual o projeto, só mais tarde
Hão de saber;
Aquele que em desejos arde
De o conhecer
Pode dar tratos ao bestunto.
Não é capaz
De adivinhar que grande assunto
Aqui me traz!
Aqui está, etc...

CORO

Venham lá, etc...

VICENTE

Patrão querido,
Vossa Mercê
Esse projeto
Diga qual é.

CORO

Diga qual é!

VALENTIM

Vão vestir os seus fatos domingueiros,
E voltem prazenteiros,
Trazendo cada qual sua mulher.

VICENTE

Manda o patrão! É obedecer!

CORO

É obedecer! é obedecer!
No fim das semanas, etc...

(Saem os latoeiros pelo fundo)

CENA II

Valentim, Vicente.

VICENTE

Mas diga-me cá, patrão. Qual é o motivo de tanta alegria? Dar-se-á caso que Vossa Mercê tenha recebido alguma herança?

VALENTIM

E que te importa? Come como um frade, bebe como um holandês, dança como um índio, ri como um doido, e não queiras saber mais nada.

VICENTE

Qual não queiras, nem qual carapuça! Não se me dava saber por que a gente vai ser obrigada a andar hoje de cara alegre!

VALENTIM

Vais saber... É que... Nada! és um tagarela, podes dar com a língua nos dentes. A seu tempo tudo saberás. Olha, vai à taverna do Leonardo, ali no Corpo Santo, e diz-lhe que mande a vinhaça a tempo. O jantar é às três em ponto.

VICENTE

E são muitos os convidados?

VALENTIM

Os rapazes, as mulheres... hão de ser para aí quarenta pessoas... Quarenta e uma! Sim, porque também há de vir meu irmão Jorge... Escrevi-lhe anteontem à tardinha. Há que tempos o não vejo! Que queres? Um oficial não pode deixar o seu posto, principalmente em tempo de guerra! Agora, que está tão perto daqui, talvez possa arranjar uma licença, e vir jantar com a gente. Malditos holandeses! Têm-nos dado água pela barba!

VICENTE

É certo que Vossa Mercê parece-se tanto com seu irmão, que até se confundem?

VALENTIM

Homem, eu mesmo não sei se sou eu que me pareço com ele, ou é ele que se parece comigo. O que te afianço é que somos o retrato um do outro, e isso não admira, porque somos gêmeos. (*Outro tom*) Mas, vamos! Vai, faze o que te disse, e não dês à língua, se queres dar aos dentes!

VICENTE

Cá vou, patrão, cá vou. (*Saindo pelo fundo*)

CENA III

VALENTIM

Sempre quero ver a cara que farão quando souberem! Também não disse nada à Luisinha... Como ficou admirada, fitando-me com os seus formosos olhos negros e rasgados, quando lhe pedi que deixasse a costura, dizendo-lhe que hoje era dia de festa na oficina... que seria conveniente vestir o seu melhor vestido e adornar-se com os seus melhores enfeites... e, se alguma coisa faltasse, que a mandasse buscar ao melhor mascate de Olinda. Pobre pequena!

Ficou tão atônita, que nem sequer se atreveu a perguntar-me...
(*Luisinha entra da esquerda*) Ela aí vem! Como é bonita! Benza-a Deus!

CENA IV

Valentim, Luisinha.

LUISINHA

Ah! estava aí, Senhor Valentim? Diga-me: estou a seu gosto?

VALENTIM

Estás, meu anjo! Aproxima-te; quero ver-te mais de perto. Como és linda!

LUISINHA

Ora...

VALENTIM

Mas quem te deu esta fatiota? Nunca te vi tão bem vestida!

LUISINHA

Faça-se de novas! Julga que não o vejo todos os domingos, quando Vossa Mercê vai pé ante pé deitar-me no cesto da costura um dobrão de ouro, e em seguida foge, como se praticasse um grave delito?

VALENTIM

Pois sim, pois sim, não falemos mais nisso...

LUISINHA

Pelo contrário, falemos. É preciso pôr cobro a semelhante procedimento. Estou envergonhada de tantos benefícios, visto nada ter feito por merecê-los. A Vossa Mercê devo eu este luxo... Sou aqui tratada como uma fidalga.

VALENTIM

Ora, qual! Isso não vale nada... Eu é que sou um ingrato... Se fosse a pagar, como devia, os benefícios que recebi do teu bom pai, que Deus haja!...

LUISINHA

Meu pai cumpria as suas obrigações. Era o mestre da oficina. Esforçava-se por bem servir ao seu amo.

VALENTIM

Teu pai era alguma coisa mais do que o mestre da funilaria: era um amigo, um verdadeiro amigo. Se aos trinta anos de idade estou senhor deste estabelecimento e quase rico, a quem devo? A ele, à sua atividade, à sua indústria e, sobretudo, aos seus conselhos. Pôs-se à testa da oficina, e por tal forma a acreditou, que hoje está no pé de prosperidade em que a vemos! E não havia eu de me interessar por ti, que ficaste órfã aos treze anos, desamparada neste mundo, sem outros bens que não fossem a tua virtude, a tua inocência e esse rosto de fada, capaz de causar inveja aos próprios anjos do céu?! Vamos lá! Disse e repito: Fui ingrato!

LUISINHA

Exagera...

VALENTIM

Não falemos mais nisto, senão entro a comover-me, e hoje não é dia para tristezas... Anda cá, Luisinha; não adivinhaste ainda a causa destes preparativos de festa?

LUISINHA

Não... ninguém faz anos hoje...

VALENTIM

Pois ouve lá. Sabes que pela Páscoa completei trinta anos? Começo a enfastiar-me de estar solteiro. Quando dão avemarias, e despeço os oficiais, fico em completa solidão. Entro a passear pelo meu quarto, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, com as mãos nas algibeiras, perguntando a mim mesmo por que não me

hei de eu rodear de meia dúzia de rapazes que corram, gritem, saltem, besuntando-me o fato, beliscando-me a barriga das pernas, divertindo-me, enfim!

LUISINHA

Pensou em casar?

VALENTIM

Rapazes... não é difícil arranjá-los... O *busilis* está em deitar a mão numa mulherzinha bonita, amável e ajuizada... (*Luisinha baixa os olhos*) Mas como o casamento é uma espécie de jogo da cabra-cega, o melhor é a gente confiar-se à sorte; fechar os olhos e agarrar uma. Foi o que fiz, e quer me parecer que encontrei o que desejava.

LUISINHA (*contente*)

Encontrou?

VALENTIM

Encontrei. (*Pausa*) Um pouco longe daqui...

LUISINHA (*despeitada*)

Ah!

VALENTIM

Uma guapa rapariga... boa... amável... discreta...

LUISINHA (*esforçando-se por disfarçar a perturbação*)

Será bom... Senhor Valentim... não se fiar muito nas aparências...

VALENTIM

Descansa. Trata-se da filha do Barbalho, o proprietário daquela quinta de Apipucos que fornece capim para o nosso macho.

LUISINHA

Não conheço.

VALENTIM

Olha, aqui tens tu a carta do Barbalho. (*Tira um papel do bolso e finge que lê*) "Meu amigo. Em resposta à sua carta de dezesseis, participo-lhe que amanhã..." (*Declamando*) É hoje. (*Continuando...*) que amanhã, dia de remessa de capim aos meus fregueses da cidade, remeto-lhe minha filha e três feixes do dito, da melhor qualidade. Espero que tudo chegue fresco e sem avaria. De seu amigo — Barbalho". (*Declamando e guardando a carta*) Como vês, a minha noiva chega hoje mesmo. Quero recebê-la com todos os *ff* e *rr*. Farás favor, Luisinha, de cuidar em que nada falte. Eu vou sair; tenho ainda que dar algumas voltas. (*Pega no chapéu*) Dize-me cá: não gostaste de saber que me caso?

LUISINHA (*com um esforço supremo*)
Eu... sim... gostei...

VALENTIM

Muito bem! Até logo, Luisinha, até logo... não me demoro. (*Sai pelo fundo*)

CENA V

LUISINHA (*mal se vê só, rebentam-lhe as lágrimas e os soluços, e cai num banco, chorando abundantemente. Pausa*)
E eu, que me levantei tão alegre esta manhã! Bem longe estava de pensar que... Quem tal diria? Pobre de mim!

ROMANÇA

Chora a minha alma sentida,
Padece o meu coração!
Vejo pra sempre perdida
A minha doce ilusão!
(*Erguendo-se*)
Oh! que destino bárbaro!
Que desgraçada sorte!
A vida ser-me-á déspota,
Benevolente a morte!

Louca esperança, pérfida,
Em fumo se desfez...
Do pranto meu as pérolas
Deslizem-me no rosto!
Mas, ah! não sanam lágrimas
O meu fatal desgosto:
Sossego só no túmulo
Hei de encontrar talvez!

Chora a minha alma sentida,
Padece o meu coração!
Vejo pra sempre perdida
A minha doce ilusão!

CENA VI

Luisinha, Vicente.

VICENTE (*entrando do fundo*)

Está tudo pronto, não falta nada! Ora muito bons dias tenha a menina Luisinha. Oh! mas, ou eu sou cego, ou a menina esteve a chorar!

LUISINHA

Eu? Engana-se!

VICENTE

Qual engana-se, nem qual carapuça! Diga-me: quem lhe fez mal? Diga-me quem foi, e verá como o arraso!

LUISINHA

Sossegue... Tratemos antes de combinar o modo por que havemos de receber a noiva do Senhor Valentim.

VICENTE

A noiva do Senhor Valentim? Pois o patrão casa-se?

LUISINHA

É verdade, Vicente.

VICENTE

Pois o patrão casa-se, e não é com a menina?

LUISINHA

Comigo? Que está dizendo, Vicente? Pois eu sou lá digna de seu patrão? Eu?! Sem família...

VICENTE

Qual família, nem qual carapuça! O patrão faz um grande disparate! Eu digo-lho, digo-lho nas bochechas! Quantas vezes, cá na oficina, temos dito uns para os outros: o patrão faz muito mal em não se casar com a menina Luisinha!

LUISINHA

Que queres tu? Ele não me ama.

VICENTE

Qual não ama, nem qual carapuça! Ama sim, senhora! Tinha que ver se a não amasse! Todos aqui a amam. E, senão, olhe... aí vêm os rapazes... Pergunte-lhes.

CENA VII

Os mesmos, os latoeiros, de braço dado a suas mulheres, algumas das quais trazem crianças pela mão; depois Valentim. Estão todos em trajos de festa.

CORO

Trazemos o riso nos lábios,
Trazemos alegres semblantes;
Roupas galantes
De ver a Deus!
Pois em domingo alegre o sábado
Quer o patrão que se transforme!
Isto é conforme
Fazem judeus.

A razão do júbilo
Aqui ninguém vê!
(*Com um movimento de dança*)
Dançamos, cantamos,
Saltamos, brincamos.
Sem saber por quê!
(*Dançam*)

VICENTE
Assim, rapazes, assim!
Quer o Senhor Valentim
Completa satisfação!

TODOS
Viva o patrão!

VALENTIM (*que tem entrado*)
Saibam, amigos meus: todos estes mistérios
São porque vou entrar
No rol dos homens sérios!

TODOS
Vai casar! vai casar!...

VICENTE
Qual é a noiva?
Não nos dirá?

TODOS
Qual é a noiva?
Diga-nos já!

VALENTIM
A bela esposa minha
Outra não pode ser, senão...

TODOS (*ansiosos*)

Quem?!

VALENTIM

Luisinha!

TODOS

Luisinha!

LUISINHA

Oh! que ventura suprema!

E a outra, de quem falou?

VALENTIM

Foi um belo estratagema,

Que um belo efeito causou.

(Sinais de alegria em todos)

CONCERTANTE

LUISINHA

Oh! que ventura!

Que felicidade!

Sou, na verdade,

Ditosa enfim!

Vou, finalmente,

Viver folgado,

Passar ao lado

De Valentim!

VALENTIM

Oh! que ventura!

Que felicidade!

Sou, na verdade,

Ditoso enfim!

Vou felizmente

Viver folgado,

Passar ao lado
De um serafim!

VICENTE e CORO
Que felicidade!
É, na verdade,
Ditosa enfim!
Vai felizmente
Viver folgado,
Passar ao lado
De um querubim.

VALENTIM
Enquanto esperamos o instante, que aspiro,
De nos fazermos à matriz,
Vão pela quinta dar um giro.

TODOS
Muito bem diz!
A razão do júbilo
Aqui já se vê!
(Vicente e os coros saem com um movimento de dança)
Dançamos, cantamos,
Saltamos, brincamos,
Sabendo por quê!

CENA VIII

Luisinha, Valentim.

LUISINHA
Fizeste-me sofrer horrores durante dez minutos!

VALENTIM
Foi uma experiência.

LUISINHA

Mau! E aquela carta?

VALENTIM

Aquela carta? (*Tirando-a*) Vê!

LUISINHA

O rol da roupa. (*Deita-o fora*)

VALENTIM

E o Barbalho nunca teve filhos.

LUISINHA

Que prazer egoísta o de amargurar os outros!

VALENTIM

Coitada! Ainda não tinha eu dado dez passos, e rebentavam-te as lágrimas. Ó abençoadas lágrimas!! (*Beija-lhe os olhos*)

LUISINHA

Parece-me isto um sonho! Dize-me outra vez que vou ser tua esposa!

VALENTIM

Dentro de uma hora iremos à matriz. A papelada está pronta.

LUISINHA

Mas por que tanto mistério?

VALENTIM

O segredo é o tempero mais saboroso deste, acepipe que se chama amor. Amar-nos-emos sempre, não é assim?

LUISINHA

Sempre.

VALENTIM

A minha satisfação seria mais completa se pudesse ter a meu lado meu irmão Jorge...

LUISINHA

Tenho tanta vontade de o conhecer...

VALENTIM

Convidei-o, mas não sei se poderá deixar o exército. O pobre rapaz tem andado numa dobadoura! Veio da Paraíba por terra, por uns caminhos impossíveis, e não teve tempo ainda de aparecer no Recife. E até certo ponto é bom que não apareça.

LUISINHA

Por quê!

VALENTIM

Por quê? Pois não tenho já contado quantas me sucederam em rapaz, pela maldita casualidade de nos parecermos tanto um com o outro? Eu era uma pombinha sem fel, e bastante medroso, moléstia de que ainda hoje padeço... Em vendo qualquer perigo, logo me dá vontade de fugir! Meu irmão era o contrário: bulhento, endiabrado, provocador! Toda a vizinhança tinha-me raiva. Cortava as orelhas ao cão de Fulano... pintava de verde o gato de Beltrano. Queixavam-se a minha mãe: Jorge dizia que tinha sido eu; os queixosos confirmavam, e o resultado era uma tunda!

LUISINHA

Pobre Valentim!

VALENTIM

Quando ficamos taludos, as diabruras eram de outra espécie. Quantas vezes Jorge se aproveitou da nossa semelhança para ir em meu lugar a certas entrevistas; quantas!

LUISINHA

Mas que tem isso para não queres que ele venha?

VALENTIM

Que tem isso? Nada! é uma brincadeira! Meu irmão ainda é o mesmo: valente, honrado, diga-se a verdade, mas também galanteador, sedutor e... E se quiser divertir-se à minha custa...

LUISINHA

Ora cala-te! não digas heresias!

VALENTIM

É que talvez não nos diferencasses!

LUISINHA

Acreditas que o meu coração possa enganar-se?

VALENTIM

Por que não? Fazes lá ideia como nos parecemos! A mesma estatura, a mesma cara, a mesma voz!

LUISINHA

Já começo também a ter cuidados!

VALENTIM

Se te estou a dizer que o caso é sério! Ainda se os holandeses o fizessem coxo ou maneta...

LUISINHA

Deus o livre, coitado!

VALENTIM

Tens razão, Deus o livre! Ah! espera! Se ele vier, podemos adotar este meio: Quando eu for eu... quero dizer: quando ele for ele... sim, quando eu não for ele... isto é... eu me explico. Quando for eu, Valentim, teu marido, que se aproxime de ti, direi qualquer coisa... *Ego sum qui sum*, por exemplo, mesmo em latim, não faz mal... E dou-te um beijo. Deste modo, conheces-me logo e evitas algum troca.

LUISINHA

Está dito.

VALENTIM

Mas toma cuidado, que se eu me aproximar e não disser nada, é que não sou eu... e então, pelo amor de Deus!

LUISINHA

Cala-te, deixa-te de tolices!

DUETO

VALENTIM

Vamos fazer um ensaio?

LUISINHA

Um ensaio? Vamos lá!

VALENTIM

Eu primeiramente saio...

LUISINHA

Ficarei sozinha cá.

VALENTIM

Ao voltar, tu me recebes
Conforme o que eu cá fizer.

LUISINHA

Eu já estou pronta.

VALENTIM

Percebes?

LUISINHA

Muito bem.

VALENTIM

É o que se quer.

(Saída falsa pelo fundo)

LUISINHA *(só)*

Espera lá! Vou te fazer

Enraivecêr!

(Valentim entra gravemente e faz uma mesura cerimoniosa a Luisinha, que se lhe lança nos braços, com ímpeto amoroso)

LUISINHA

Valentim querido,

Aos meus braços vem!

Aos meus braços vem!

És o meu marido,

E eu te quero bem!

VALENTIM *(desesperado)*

Então? Então?!

Assim recebes meu irmão?

Eu não te havia dito nada...

LUISINHA

É que fiquei atrapalhada

E não prestei muita atenção...

JUNTOS

É perigoso

Pudera não!

Ter um marido

Ser um marido

Tão parecido

Com seu irmão!

Com meu irmão!

Com estes manos

Toda atenção,
Pois dos enganos
Vive o escrivão!

VALENTIM
Fazer vamos novo ensaio?

LUISINHA
E há de ser melhor talvez.

VALENTIM
Da oficina outra vez saio.

LUISINHA
Fico só mais uma vez.

VALENTIM
Vê lá se o caldo entornamos!

LUISINHA
Hás de ver que não vou mal!

VALENTIM
O ensaio que fazer vamos
É um ensaio geral.

LUISINHA
Eu já estou pronta.

VALENTIM
Vejamos.

LUISINHA
Atenção!

VALENTIM
É o principal!

(Saída falsa pelos fundos)

LUISINHA *(só)*

Espera lá! Vou te fazer

Enraivecer!

(Valentim volta muito alegre, chega-se a Luisinha, dá-lhe um beijo no pescoço e declama: Ego sum qui sum)

LUISINHA *(fingindo-se zangada)*

Que petulante

Sujeito audaz!

Toma, tratante,

Que te dou, zás!

(Dá-lhe uma bofetada)

VALENTIM *(desesperado)*

Então? Então?

Pois tu farás tal recepção

A teu marido, ó desastrada?

LUISINHA

É que fiquei atrapalhada

E não prestei muita atenção.

JUNTOS

É perigoso, etc...

LUISINHA

Mas, querido meu, descansa...

(Tomando-o pelo braço e como em segredo)

Apesar da semelhança,

Não haverá confusão!

Pois se os olhos meus se iludem,

Não se engana o coração...

JUNTOS

Apesar da semelhança, etc...

VALENTIM

Já são horas de irmos para a matriz! Vamos procurar os rapazes. Depois viremos jantar! E a noite o bailarico!

(Nisto, Gregório precipita-se em cena, vindo do fundo. Dá com os olhos de Valentim, julga reconhecê-lo, e abraça-o com ímpeto)

CENA IX

Luisinha, Valentim, Gregório.

GREGÓRIO *(abraçando a Valentim)*

Ah! meu capitão, meu bravo capitão? Eu logo vi que o havia de encontrar!

VALENTIM *(à parte)*

Ai, que é maluco!

GREGÓRIO *(contemplando-o)*

Ora, meu capitão! Mas que ideia foi esta de deixar o acampamento e vir para o Recife encafiar-se em casa de seu irmão?

VALENTIM

Ah! já percebo... É a semelhança de que falávamos ainda agora, Luisinha. O camarada toma-me por Jorge!

GREGÓRIO *(atônito)*

Pois eu não estou em presença do meu capitão?

LUISINHA

Está em presença do Senhor Valentim Braga.

GREGÓRIO

O irmão?! Com todos os diabos! O patrão já me havia falado em Vossa Mercê, mas nunca supus que a semelhança fosse tão perfeita! Olhe que não lhe falta nada, com mil raios! Pois, senhor, eu sou o sargento Gregório, vulgo *Vomita pragas*, e pertenço à companhia de seu irmão, que vinha procurar aqui.

VALENTIM

Quem? Meu irmão? Aqui? Não está nem nunca esteve! O sargento não sabe que meu irmão nunca veio ao Recife?

GREGÓRIO

Como? Pois não está cá?

VALENTIM

Não, senhor, mas não importa, sargento: saberá que me caso hoje...

LUISINHA

Que nos casamos hoje...

VALENTIM

E teremos ambos muito prazer em que um camarada de meu irmão nos acompanhe ao jantar e às bodas.

GREGÓRIO

Com mil buchas! estamos mesmo bons para gavotas e sarabandas!

LUISINHA

Que tem, sargento?

VALENTIM

Assusta-me! Que há de novo?

GREGÓRIO

Que há de novo? Uma desgraça!

VALENTIM

Não brinque!

GREGÓRIO

Se até amanhã ao meio-dia o Capitão Jorge Braga não se apresentar no acampamento...

VALENTIM e LUISINHA

Que lhe farão?

GREGÓRIO

Que lhe farão? Sentenciá-lo-ão à morte, e pum! com seiscentas bombas!

VALENTIM e LUISINHA (*horrorizados*)

Oh!

GREGÓRIO

Então julgam que isto de ser militar é comer filhoses? Diabo leve quem inventou os conselhos de guerra! Má raios o partam, fome o persiga, um estupor que lhe dê o inferno!...

VALENTIM e LUISINHA (*benzendo-se*)

Credo!

COPLAS

I

GREGÓRIO

O militar durante a guerra,
Deve andar pronto como um fuso:
Fútil delito ou leve abuso
Deita a perder um militar!
Pra que lhe deem cabo da pele
Não é mister uma batalha,
Pois por dá cá aquela palha
Podem mandá-lo fuzilar!
Embora seja um valentão,
Embora seja um fracalhão,
Seis negras balas o farão

Cair morto no chão!
Pum!... pum!... pum!...
Pum!

II

Se tem dois olhos, o soldado
Ponha um no padre e outro na missa;
Mesmo o valor, no ardor da liça,
Deita a perder um militar!
O militar, durante a guerra,
Tanto perigo corre, em suma,
Que sem ter feito coisa alguma,
Podem mandá-lo fuzilar!
Embora seja um valentão, etc...

Seu irmão ausentou-se com licença; mas há quatro dias que ela findou. O regimento está a poucas léguas daqui, em Jaboaão, preparado para atacar um reduto holandês. De um momento para outro estaremos a contas com o inimigo, e o meu capitão estará à frente de sua companhia! Isto é o que me faz desesperar, com seiscentas mil baionetas!

VALENTIM

O inimigo! batalhas! baionetas! Ai, Virgem do Livramento, já não sei de que freguesia sou! Malditos holandeses, que vieram agitar esta terra, dantes tão sossegada! Olhe, sargento Vomita-pragas, matem-se, matem-se à vontade! Eu é que não me meto nesses assados!

GREGÓRIO

Mas com mil raios! (*Bate com a coronha da arma no chão*)

VALENTIM (*assustando-se*)

Ai, credo! Julguei que fosse um tiro! Não brinque!

GREGÓRIO

Tem certeza de que seu irmão não apareceu por cá?

VALENTIM

Não, senhor; mas pode ser que se salve, porque os chefes...

GREGÓRIO

Os chefes estimam-no, não há dúvida! mas já têm sido por demais tolerantes. Não fosse ele o Capitão Jorge Braga, e a estas horas estaria sentenciado e morto!

VALENTIM (*chorando*)

Meu pobre irmão! Vão-no fuzilar!

GREGÓRIO

Isto é o menos!

VALENTIM

Hein?

GREGÓRIO

Uma dúzia de balas no coração! Que isso é? Um pau por um olho! Mas o pior é que será exautorado, desonrado!

VALENTIM

Desonrado!

GREGÓRIO

Desonrado sim, com mil demônios do inferno! Desonrado!

VALENTIM

Pai do céu, que poderemos fazer? Lembre-se de alguma coisa, sargento!

LUISINHA

Lembrem-se ambos. Talvez se possa arranjar tudo...

GREGÓRIO

Choremos na cama, que é lugar quente. Eu volto para o acampamento, e Vossas Mercês casem-se com todos os diabos!...

VALENTIM

Casarmo-nos! Numa situação como esta!

LUISINHA

Isso nunca!

VALENTIM

Ah! que dei no vinte! Eu soube, por portas travessas, de um namorico de Jorge com a filha de um senhor de engenho na Ipojuca.

GREGÓRIO

E que tem Judas com as almas dos pobres?

VALENTIM

A apostar em como está lá com a pequena, sem se lembrar de que há holandeses em Pernambuco! Vamos lá! Daqui a Ipojuca são poucas léguas!

LUISINHA

Eu também vou, e o Senhor sargento também.

VALENTIM

Tenho um pressentimento de que ali encontraremos aquele escaldafavais. Na carreta chegaremos lá num instante. *(Indo à porta)* Ó Vicente, manda atrelar o macho à carreta! *(A Luisinha)* Em breve estaremos de volta, e então celebraremos as bodas. Vamos, Vicente, despacha-te! Eu vou buscar o capote e algum dinheiro.

LUISINHA

Vou também preparar-me.

GREGÓRIO

Vamos! Aviem-se, com quatrocentas mil granadas!

(Valentim e Luisinha saem pela esquerda)

CENA X

Gregório, latoeiros, mulheres, crianças, depois Valentim, Luisinha, Vicente.

FINAL

CORO

Onde o noivo está metido?
E a Luisinha onde é que está?
Nosso bom patrão querido,
Sendo em breve seu marido,
Felicíssimo será!

GREGÓRIO

Calem a boca!

CORO

Por quê? Por quê?

GREGÓRIO

Façam-me pouca
Bulha!

CORO

Por quê?
Não dirá Vossa Mercê?

GREGÓRIO

O prazer que os embriaga
Triste caso perturbou:
O Capitão Jorge Braga...

CORO

O irmão
Do patrão?

GREGÓRIO

Do batalhão se ausentou!

CORO

Que horror, ó Cristo!

Jesus! que horror!

Isto é deveras

Constristador!

GREGÓRIO

Feroz conselho de guerra

Vai julgá-lo em Jaboaão!

Hão de deitá-lo por terra...

CORO

Que nos diz?!

Infeliz!...

GREGÓRIO

Seis balas no coração!

CORO

Que horror, ó Cristo! etc...

VALENTIM (*entrando com Luisinha*)

Amigos, vou partir!

CORO

Partir!

VALENTIM (*a Vicente, que entra do fundo, onde aparece a carreta
aparelhada*)

Entrego-te a oficina.

Brevemente,

De volta estou.

GREGÓRIO

Partamos!

VALENTIM e LUISINHA

Vamos!

GREGÓRIO, VALENTIM e LUISINHA

Partamos, partamos,

Sem mais demorar!

Corramos, corramos!

E a quem procurarmos

Havemos de achar!

Adeus! Adeus!

(Entram os três na carreta. Vicente e os coristas acenam com os lenços, enquanto a carreta se põe em movimento e desaparece)

GREGÓRIO, VALENTIM e LUISINHA

Adeus, amigos!

Adeus! Adeus!

E dos perigos

Livrai-nos Deus!

Adeus! Adeus!

CORO

Adeus, amigos!

Adeus! Adeus!

E dos perigos

Que os livre Deus!

Adeus! Adeus!

ATO II

Acampamento em Jaboaão, Barracas. Armas ensarilhadas. Os soldados, dispostos em grupo, aqui e ali, bebem e jogam.

CENA I

Soldados, depois Gregório.

CORO

Enquanto o rebate
Não chama ao combate,
Não é disparate
Beber e jogar!
Mulheres, filhinhos,
Perdidos carinhos,
Os jogos e os vinhos
Não fazem lembrar!

UM SOLDADO

O pior é que não há nem novas nem mandados
Do nosso Capitão!

OUTRO

O sargento aí vem... Toda atenção, soldados!

CORO

Soldados, atenção!

TODOS (*a Gregório, que entra muito triste, de braços cruzados*)

Então? Então?

Consigo traz o Capitão?

GREGÓRIO

Não!...

Com quatrocentos mil cartuchos!

Não vem comigo

O Capitão!...

CORO

Oh! que aflição!

Não traz consigo o Capitão!

GREGÓRIO

Andei, corri por ceca e meca,

Por olivais de Santarém...
Desde o Recife a Muribeca
Não vi ninguém!

CORO
Não vi ninguém!

GREGÓRIO
O Conselho de guerra
Lá se vai reunir!
Está tudo por terra...
Só lhe resta fugir...

CORO
Vamos ver,
A tremer!
O conselho de guerra, etc.

(Saída geral)

CENA II

GREGÓRIO
Onde estará metido aquele diabo, com seiscentas bombas!
Tínhamos certeza de encontrá-lo na Ipojuca, mas qual histórias,
nem sombras! Em que dará tudo isto?

A VOZ DE VALENTIM
Devagarinho... Cautela, Luisinha... Desce... apoia-te ao meu braço...
assim...

GREGÓRIO
Aí temos o funileiro e a noiva. É preciso afastá-los daqui. Ao ouvir
ler a sentença, cada um deles é capaz de ter o seu faniquito, e eu não
tenho jeito para tratar de mulheres nem de medrosos!

CENA III

Gregório, Valentim, Luisinha.

VALENTIM (*dando o braço a Luisinha*)

E eu digo-te que deve estar aqui (*Vendo Gregório*) Olha, ali o tens. Bons dias, sargento; demoram-nos um pouco, mas não se queixe de mim: queixe-se do jumento, com sua licença.

GREGÓRIO (*à parte*)

Ora são bem cá precisos!

VALENTIM

Julguei que chegasse tarde; por isso vim por esses caminhos vendendo azeite às canadas. Não sei o que tinha o maldito jumento! Por mais que eu lhe batesse e lhe dissesse: — Corre, meu velho, corre, que querem dar cabo de meu irmão! Corre, que tu também és quase da família! — nada! Cada vez andava mais devagar!

LUISINHA

Mas, afinal, cá estamos. Diga-nos, sargento: podemos falar ao general?

VALENTIM

Imediatamente?

GREGÓRIO

Não é possível. Agora ninguém lhe pode falar. Está reunido o conselho de guerra e formada a tropa.

VALENTIM

Por isso não encontramos um único soldado a quem perguntássemos por Vossa Mercê... Vinha eu dizendo à Luisinha: — Vamo-nos perder por aí... e, afinal de contas, andar assim ao deus-dará... no meio do acampamento... Vem uma bala sem subscrito, e manda uma pessoa desta para melhor vida enquanto o diabo esfrega um olho! — Aqui sempre estamos melhor, pois não

estamos? Esperamos aqui que termine o tal conselho, e depois iremos todos falar ao general. Que lhe parece, sargento?

GREGÓRIO

Com cinquenta milhões de Satanases! pois são Vossas Mercês tão pouco espertos, que me não conheçam, na cara, não haver esperança possível?

LUISINHA e VALENTIM

Hein?

GREGÓRIO

Ao general ninguém fala. Já eu lhe quis falar e não consegui.

VALENTIM

Valha-nos Deus! e eu, que contava alcançar alguns dias de espera!

GREGÓRIO

Julga que o general é de folha-de-flandres? Aquilo é duro como uma rocha!

LUISINHA

Nesse caso a nossa viagem é completamente baldada?

GREGÓRIO

Completamente!

VALENTIM (*animando-se*)

É o que havemos de ver! É o que havemos de ver! Ah! ah!... Hei de mostrar para quanto sirvo! É que me não conhecem! É que não sabem quem aqui está!

GREGÓRIO (*admirado*)

Que é isto?

LUISINHA

Nunca o vi assim!

COPLAS

I

VALENTIM

Hei de o conselho
de guerra ver;
Nele o bedelho
Quero meter!
Se não consigo
Lá penetrar,
Não mais comigo
Podem contar!
Das sentinelas
Dou cabo até!
Nenhuma delas
Fica de pé!
Que, em tais alturas,
Eu sou capaz
De cem loucuras
Fazer: zás! trás!
Que espalhafato!
Que irmão audaz!
Degolo e mato
Vão ver! zás! trás!

GREGÓRIO e LUISINHA

Diz o gabola
Que tudo faz!
Mata, degola!
Zás! trás! Zás! trás!

II

VALENTIM

Não desespero
Mil vezes não!
Salvá-lo quero,
Que é meu irmão!

Pra quanto presto
Vão todos ver!
C'um simples gesto
Faço tremer!
Foram-se as nicas!
Do sangue a voz
Faz dum maricas
Tigre feroz!
Que espalhafato!
Que irmão audaz!
Degolo a mato!
Vão ver! Zás trás!
Diz o gabola

GREGÓRIO e LUISINHA

Que tudo faz!
Mata, degola!
Zás! trás! Zás! trás!

LUISINHA

Ah, Valentim! quero dar-lhe um abraço! Quanto gosto de o ouvir falar assim!

VALENTIM

Deixem acabar o tal conselho, e verão!

LUISINHA

Diz o sargento que não é possível!

GREGÓRIO

Não se perde nada com experimentar. Talvez que se possa fazer alguma coisa, com mil canhões!

VALENTIM

Ó sargento, diga-me cá: a Luisinha pode descansar numa destas barracas? Coitadinha! Deve estar moída!

GREGÓRIO

Ali tem... naquela barraca é que se alojava seu irmão...
(*Chorando*) Então? não estou eu a chorar, com cem... Então?

VALENTIM (*chorando*)

Era ali?... (*Abrindo a porta da barraca*) Sim... cá está a mala... o leito... o uniforme e a espada! Só falta ali o meu pobre Jorge!

LUISINHA (*que também chorou*)

Vamos, não há que desanimar! Pode ser que esteja de volta antes do meio-dia!

VALENTIM (*limpando as lágrimas*) Nossa Senhora do Livramento te ouça! Senhor sargento, espere um pouco, que eu já volto para darmos princípio à nossa obra!

GREGÓRIO

Vá, que o avisarei quando for ocasião.

VALENTIM

Vamos, Luisinha! (*Entra com Luisinha na barraca*)

CENA IV

Gregório, só; depois, Pantaleão De Aragão.

GREGÓRIO

Pobre gente! Tem esperanças, e eu nenhuma! Vamos, Gregário, meia volta à direita! Ordinário! Marche! (*Vai a sair; encontra-se com Pantaleão*)

PANTALEÃO

Alto a banca! Faz favor de me dar dois minutos de atenção!

GREGÓRIO

Não posso! (*Vai saindo*)

PANTALEÃO (*deitando-lhe a mão*)
Ouça-me, que é negócio importante!

GREGÓRIO
Não bata no púlpito, com seiscentas bombas! Vou em serviço...
tenho pressa... Passe bem!

PANTALEÃO
Não o demoro, camarada.

GREGÓRIO
Sargento.

PANTALEÃO
São só duas palavras.

GREGÓRIO
Diga lá.

PANTALEÃO
Conhece este retrato? (*Dá-lhe uma miniatura*)

GREGÓRIO
O meu Capitão!

PANTALEÃO
Hein? Pois é este o seu Capitão?

GREGÓRIO
Jorge Braga!

PANTALEÃO
Jorge Braga, é ele mesmo! (*À parte*) Desta vez não me escapará!

GREGÓRIO

Com a breca! Traz notícias dele? Onde se meteu? Onde o puseram? Onde para? Corre perigo?... Responda, com trinta milhões de baionetas!

PANTALEÃO

Abaixe a voz, Senhor sargento! Olhe, que eu cá também sei largar cutelos e varredoras, e praguejar quando é preciso, com todos os demônios do inferno!

GREGÓRIO

E eu não tenho medo de caretas, com todos e mais alguns!

PANTALEÃO

Calma... Calma... O tal Capitão não está no acampamento?

GREGÓRIO

Se aqui estivesse, eu não lhe perguntava por ele!

PANTALEÃO

Ah! não está!

GREGÓRIO e PANTALEÃO (*juntos*)

Não está com todos os diabos, com cem mil bombas, e seiscentos raios!

PANTALEÃO

Mas ele não pertence a esta divisão, companhia ou que demônio que seja? Como é que não está cá?

GREGÓRIO

Desapareceu, já lhe disse! Ninguém sabe por onde anda! E se dentro de uma hora não se apresentar, reúnem o conselho, julgam-no, sentenciam-no, matam-no, fuzilam-no, com mil raios!

PANTALEÃO

Fuzilam-no! (*À parte*) Não era essa a morte que eu lhe desejava! (*Alto*) Então não está no acampamento, hein? Isto só no inferno!...

GREGÓRIO

Nem no inferno!

PANTALEÃO

Se eu tivesse a certeza de o encontrar lá!...

GREGÓRIO

Lá onde?

PANTALEÃO

No inferno, com mil diabos! Lá mesmo seria capaz de ir procurá-lo!

(*Juntos*)

PANTALEÃO

Com todos os diabos! com cem mil raios! com seiscentas borrascas (*Sai*)

GREGÓRIO

Pois vá, com seiscentas bombas, com cem mil raios, e todos os diabos!

(*Pantaleão vai saindo a proporção que pragueja*)

GREGÓRIO (*só, muito calmo*)

Está penalizado, como todos nós.

CENA V

Gregório, o ajudante-de-ordens, oficiais, soldados, depois Valentim, depois Luisinha.

GREGÓRIO (*durante a entrada dos militares*)

Aí vem o ajudante de ordens. Que terá sucedido?

O AJUDANTE (*a Gregório*)

Não lhe vejo remédio. É verdade que o general mandou esperar até o meio-dia. Mas se até lá não se apresentar o Capitão, será dada a sentença.

VALENTIM (*entrando*)

Parece que já terminou o conselho. Vejamos se encontro o sargento para irmos ao general. (*Dirige-se a Gregório. O ajudante repara nele*)

CONCERTANTE

AJUDANTE

Que vejo? É ele!... O Capitão!...

CORO

O Capitão!

AJUDANTE

O Capitão!

CORO

É o Capitão!

AJUDANTE

Oh, que perigo

Correu, amigo!

Oh, que imprudência, Capitão!

Se se demora

Mais uma hora,

Não tinha mais apelação!

CORO

Se se demora

Mais uma hora,

Não tinha mais apelação!

AJUDANTE

Mas... a que vem este disfarce?

Este disfarce?... (*À parte*)

Já entendo...

Já compreendo:

É a maldita parecença!

GREGÓRIO (*baixo, a Valentim*)

Há de calar-se,

Se em salvar seu mano...

LUISINHA (*que tem entrado e ouvido tudo*)

Ai, meu Deus, ai, como tremo!

Eis-me quase a desmaiar!

Enviúvo, ó Deus supremo,

Antes mesmo de casar!

VALENTIM

Ai, meu Deus, ai, como tremo!

Meu irmão vim cá salvar,

Mas não vão, ó Deus supremo,

Fuzilar-me em seu lugar!

GREGÓRIO

Ele treme, eu também tremo,

Pois o caso é singular...

É decerto um meio extremo

Pelo irmão aqui passar!

OS OUTROS

Entre nós de novo o vemos!

Pôde em tempo ainda voltar!

A amizade que lhe temos

Nos fazia reçar.

AJUDANTE (*a Valentim*)
Comunicar sua presença
Vou neste instante ao general;
Mas — antes disso — com licença;
Venha um abraço fraternal.

(*Abraçam-se*)

CORO
Oh! que perigo
Correu amigo!
Oh, que imprudência, Capitão!
Se se demora
Mais uma hora,
Não tinha mais apelação!

TODOS
Viva o Capitão Jorge Braga! Viva!

GREGÓRIO (*baixo*)
Agradeça.

VALENTIM (*cumprimentando com acanhamento*)
Senhores, muito obrigado... muitíssimo obrigado... O meu coração...
o meu reconhecimento...

GREGÓRIO (*baixo*)
Bom, é melhor estar calado.

AJUDANTE
Outro abraço, Capitão... e até logo! (*Sai com os oficiais*)

GREGÓRIO
Agora, Capitão, vá mudar de fato! Vá vestir seu uniforme.

VALENTIM

O uniforme?!... Ah, sim! Diz muito bem... Vou pôr o uniforme... (*À parte*) Que bonita figura hei de eu fazer com o tal uniforme!

GREGÓRIO

Vamos! não se demore! Lembre-se de seu irmão!

VALENTIM

Senhores, vou vestir o meu uniforme. (*A Gregório*) Veja lá em que assados me mete Vossa Mercê!

GREGÓRIO (*aos soldados*)

Agora, rapazes, vão anunciar à companhia a volta do Capitão!

TODOS OS SOLDADOS

Viva o Capitão! Viva!

(*Saem, repetindo um motivo do último coro*)

CENA VI

Gregório, Luisinha.

LUISINHA

O Senhor sargento não se zangue com o que eu vou lhe dizer; mas parece-me que esta troca...

GREGÓRIO

Xiu! Silêncio!... as paredes têm ouvidos! Deste modo ganhamos tempo, que é o principal. Quando o capitão chegar, o Senhor Valentim despe-se... O Capitão enverga a farda, e ei-los depois cada um no seu natural. O Capitão aqui, e o Senhor Valentim lá na funilaria.

LUISINHA

Mas Vossa Mercê não imagina! O Valentim é um maricas! Que irá ele fazer com uma farda às costas? Nunca me hei de esquecer de

uma noite em que quase morreu de susto por causa de um gato que andava pelo mirante!

GREGÓRIO

Eu o farei espertar! Aqui, o mais urgente é evitar a sentença; depois...

LUISINHA

Depois... Veremos! Mas duvido que o resultado seja bom.

CENA VII

Os mesmos, Valentim.

VALENTIM (*com o uniforme ridiculamente vestido*)

Que tal estou? Olhem pra isto!

GREGÓRIO

Oh, com os diabos! Como arranjou isso?

LUISINHA

Que lhe dizia eu? Olhe para aquela figura!

VALENTIM

Então eu não me pareço agora com meu irmão?

GREGÓRIO

Na cara parece-se: no feitio é que há grande diferença! Vamos, arreganho! É um recruta sem tirar nem pôr! (*Arranjando-lhe a farda*) A farda veste-se assim!

VALENTIM

Olhe, que me afoga!

GREGÓRIO

Essa espada não se traz aqui na frente. Isto põe-se atrás! Assim! (*Faz o que diz*)

VALENTIM

Nada, essa agora é nova! A espada estava perfeitamente onde estava! Assim mete-se-me por entre as pernas! (*Tropeçando na espada*) Vê? Depois, quando quiser tirar a espada, tenho de voltar as costas... a mim mesmo?! Não posso perceber!

GREGÓRIO

E o chapéu? Parece que nunca pôs um chapéu?!

VALENTIM

Destes é a primeira vez, sargento.

GREGÓRIO

Assim! (*Põe-lhe o chapéu*) Agora já parece outro!

VALENTIM

Olhe que não vejo senão de um olho!

GREGÓRIO

Não faz mal! Vamos! Esse corpo perfilado! Gesto arrogante! Passo firme!

VALENTIM

Assim?

GREGÓRIO

Não, homem de Deus! parece-me um velho!

TERCETO

VALENTIM

Faça favor de dar-me uma lição:
Quero aprender!

GREGÓRIO (*indo ao fundo*)

Vai ver!

(Descendo a marchar com todo o garbo)

Rataplã! rataplã! rataplã!

Plá! plá! plá!

Rataplã! plá! plá!

VALENTIM

Agora eu! *(A Luisinha)*

Vê lá como me saio

Deste ensaio!

(Faz o mesmo que Gregório, mas desaleitadamente)

Rataplã! rataplã! rataplã! etc...

LUISINHA

Não! não! Faça como eu faço!

Comigo aprenda! Acerte o passo!

(Marcha ainda com mais galhardia que Gregório)

Rataplã! rataplã! rataplã!

GREGÓRIO

Muito bem!

VALENTIM *(a Luisinha)*

Quem te ensinou?

LUISINHA

Ninguém!

Muito fácil é!

Intuitivo até!

É ver, é ver,

E aprender!

GREGÓRIO

Agora os três!

(Vão todos ao fundo, e fazem diversas manobras, marchando de um lado para outro lado)

OS TRÊS

Rataplã! rataplã! rataplã! etc...

GREGÓRIO

Devo advertir-lhe que é preciso praguejar, rogar pragas, falar no diabo! Seu irmão está sempre a fazer tremer o mundo!

LUISINHA

Aprendeu com o sargento.

VALENTIM

Mas eu, palavra de honra! eu sou uma pomba sem fel... Nunca me zango!... Eu posso lá praguejar!

GREGÓRIO

Há de praguejar por força! Assim! (*Furibundo*) Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vá para os infernos, com trezentas granadas!

(Valentim repete todas essas pragas num tom suave)

LUISINHA

Isso não é assim! Parece uma menina! Com mais alma! Assim: Má raios te partam! Maldito sejas! Vai para os infernos, com trezentas granadas!...

GREGÓRIO

Belo! Belo! Muito bem!...

VALENTIM

Que talento de mulher!

GREGÓRIO

É uma joia! Era capaz de comandar a companhia melhor que Vossa Mercê!

VALENTIM

Melhor do que eu, qualquer. Enfim, veremos como me saio desta... O que me ensinaram até agora, passe... mas fiquem na certeza de que lá coisa de pólvora... é que não vai nada! (*Entra o ajudante de ordens*) Bom, ei-los comigo!

CENA VIII

Os mesmos, o ajudante-de-ordens.

O AJUDANTE

Capitão Jorge Braga, acaba de ser dissolvido o conselho de guerra que O havia de julgar.

VALENTIM (*baixo a Luisinha*)

Que fortuna! Salvei meu irmão!

AJUDANTE

E venho dizer-lhe...

VALENTIM

Ai, Jesus! o quê?

GREGÓRIO (*à parte*)

Tremo!

AJUDANTE

O general resolveu castigá-lo pela sua prolongada ausência. Ordena que se recolha à sua barraca!

GREGÓRIO (*à parte*)

Oh, que afronta para o meu pobre capitão!

VALENTIM (*à parte*)

Se é só isso... (*Alto*) Pois diga ao general que estimo muito!

GREGÓRIO (*baixo*)

Ó diabo, é o contrário! Mostre-se sentido!

VALENTIM (*emendando*)

Sim, que estimo muito vê-lo bom... Mas que esta afronta é muito...
é... Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vai para os infernos,
com trezentas granadas!

AJUDANTE

Compreendo que isto o aflija! A um valente e brioso militar muito
custa a detenção em dia de batalha!

VALENTIM

Ah! vai haver hoje batalha? (*Contentíssimo*) Pois então...

GREGÓRIO (*baixo*)

Mostre-se sentido, com todos os demônios!

VALENTIM (*noutro tom*)

Com que então, vai havei hoje batalha? Com trezentos milheiros de
diabos! E não irei à frente de minha companhia! E não sentirei o
zunir da pólvora, nem ouvirei o cheiro das balas! Não me acharei
entre metralhas e granadas!... rodeado de mortos... Ah! sangue!
sangue!... E eu, que gosto tanto de ver sangue!

AJUDANTE

Capitão, entregue-me a espada!

VALENTIM

Pois quer só a espada? E então a bainha?

GREGÓRIO (*baixo*)

Cala-te, animal! (*À parte*) Desonrado! Desonrado o meu capitão!...

VALENTIM

Diga ao general que muito me custa separar-me dela! Enquanto à
palavra de não ir à batalha, dou-lha com muito pra... (*Gregório puxa-
lhe a farda...*) com muito pesar. Mas fique certo de que a cumprirei
religiosamente.

AJUDANTE

Bem, Capitão! Talvez que o general, em vista do seu arrependimento, lhe mande dar a liberdade!

VALENTIM

Não, meu amigo, isso é que não! O castigo é grande certamente, mas eu o mereço, oh! se mereço! É duro, bem sei, mas — vamos lá! — é preciso um grande exemplo!

AJUDANTE

As suas ordens. (*Sai*)

CENA IX

Valentim, Gregório, Luisinha.

VALENTIM

Louvada seja Nossa Senhora do Livramento! Meu irmão está salvo!

LUISINHA

Preso num dia de batalha! Vai tudo às mil maravilhas!...

GREGÓRIO

Maravilhas! Chamam-lhe maravilhas!... Não sabem que; um militar prefere morrer a ficar de braços cruzados num dia de combate!

VALENTIM

Mas eu cá não sou militar...

GREGÓRIO

Vossa Mercê agora não é Vossa Mercê; é seu irmão! Vou arranjar este negócio!

VALENTIM

Que negócio! Olá sargento! não se meta onde não é chamado!

GREGÓRIO

Volto já. Tudo há de se arranjar. (*Sai*)

VALENTIM

Que diabo será?... Entra ali, Luisinha... vou ver o que faz aquele espirra-canivetes.

LUISINHA

Veja lá, Valentim, não vá fazer asneiras! (*Entra na barraca*)

VALENTIM

Descansa. (*Dirige-se para o fundo; encontra-se com Pantaleão de Aragão*)

CENA X

Valentim, Pantaleão.

PANTALEÃO (*à parte*)

É ele! (*Alto*) Alto a banca, Capitão: eu sou Pantaleão Beltrão de Aragão!

VALENTIM

Estimo muito. (*À parte*) ão, ão, ão! É um cão que ladra!

PANTALEÃO

Sou capitão da escuna *Conceição*; cheguei do reino há cinco dias!

VALENTIM

Estimo ainda mais.

PANTALEÃO

Sou irmão de Dona Guiomar Beltrão de Aragão, e filho do finado Capitão-mor Elesbão Romão de Aragão, senhor de engenho que foi na Ipojuca.

VALENTIM

Que o seja Vossa Mercê por muitos anos e bons. (*À parte*) É uma família onomatopaica.

PANTALEÃO

Portanto, já deve saber o que pretendo.

VALENTIM

Por ora, não, senhor.

PANTALEÃO

Como?! Com seiscentos jacarés! Pois nega ter, durante a minha ausência, seduzido minha irmã, Dona Guiomar Beltrão de Aragão?!

VALENTIM

Eu?! — Ó homem, isso não são brincadeiras!

PANTALEÃO (*mostrando-lhe um maço de cartas*)

Conquanto não estejam assinadas, negará que estas cartas sejam suas?

VALENTIM (*à parte*)

A letra do meu irmão!...

PANTALEÃO

Vejo que ficou desmaestreado! Estas cartas não me permitem, com trezentos tubarões! duvidar da desonra de minha irmã, Dona Guiomar Beltrão...

VALENTIM

De Aragão, já sei... é que... (*À parte*) O maroto de meu irmão meteu-me em bons lençóis...

PANTALEÃO

Capitão, uma reparação, ou morre pela minha mão, como um cão!

VALENTIM (*afetando sangue frio*)

Entendamo-nos, Senhor Aragão... que diabo! Vamos ver se nós entendemos!...

PANTALEÃO

Uma reparação, com mil burrajonas!

VALENTIM

Faça favor de atender-me, e não me fale em armas de fogo. (*À parte, sentando-se*) Ganhemos tempo, até que apareça meu irmão, para se entender com ele... (*Alto*) Enquanto ao dar a minha mão de esposo a sua mana, não digo que não... porque enfim... ela é moça... bonita... (*À parte*) Será?... (*Alto*) Bem-educada... modesta... Em posição, podemos perfeitamente medir-nos: Vossa Mercê é capitão de navio; eu sou capitão do exército: não há diferença nenhuma. O senhor seu pai também era capitão, com a diferença de que era capitão-mor... Os nossos gênios é que não se combinam... Enfim, para a semana que vem, falaremos... Sou um seu criado! (*Quer retirar-se*)

PANTALEÃO (*furioso*)

Com mil raios! Pensa que sou homem que se contenta com uma simples palavra, quando se trata da honra de sua família? Aqui tem este documento, que o senhor há de assinar! E, se o não fizer, deito fogo ao paiol da pólvora!

VALENTIM (*depois de ler*)

O quê? Uma promessa formal de casamento?

PANTALEÃO

Justamente. Tomamos, em conselho de família, a resolução de apresentar-lhe este documento! E eu, como mais velho, é que lhe venho dar abordagem.

VALENTIM (*à parte*)

Escapo do conselho de guerra, para cair no conselho de família...

PANTALEÃO

Assina ou não?

VALENTIM

Isto... sim, isto da gente casar é negócio muito sério... É preciso meditar...

PANTALEÃO (*tirando duas pistolas*)

Aqui estão duas pistolas! Proponho-lhe um duelo! Saiamos!...

VALENTIM (*a tremer*)

Um duelo... (*À parte*) Ui! e eu que não me lembrava que estava detido... (*Alto*) Pois bem! Saiamos!

PANTALEÃO

Ora graças a Deus!...

VALENTIM

E desde já o previno que há de ser um duelo a valer!

PANTALEÃO

Como?!

VALENTIM

Não dou quartel!

PANTALEÃO

Nem eu, com mil tempestades!

VALENTIM

Um de nós há de ficar morto!

PANTALEÃO

Certamente.

VALENTIM

E o outro vivo. — Marchemos! (*Parando de repente*) Má raios te partam, diabo! Maldito sejas! Vai para os infernos, com trezentas granadas!

PANTALEÃO
Que é lá isso?

VALENTIM
Não posso sair!

PANTALEÃO
Por quê?

VALENTIM
Estou detido aqui! Bem vê... não tenho espada... Desgraçado de mim! Não tenho espada!

CENA XI
Os mesmos, Gregório.

GREGÓRIO (*entrando a correr, com a espada de Valentim na mão*)
Vitória! Vitória, meu capitão!... O general já lhe concedeu perdão, e manda restituí-lo à liberdade. Aqui tem a espada!

VALENTIM (*à parte*)
O que tu queres é matar-me, assassino!

PANTALEÃO
Já não há obstáculos que nos interponha.

VALENTIM
Engana-se redondamente. Eu sou um oficial experimentado, sei a minha obrigação, e aqui não sairei sem uma licença assinada pelo general! Pois quê! Porque um sargento vem dizer-me isto, hei de lhe dar crédito? Eu não sou nenhum soldado de chumbo! Não recebo ordens de meus inferiores! Daqui não saio sem o preto no branco! Nada... não saio!... Quer uma ordem assinada?... Já lha trago! (*Sai precipitadamente*)

CENA XII

Valentim, Gregório, Luisinha.

VALENTIM

Vossa Mercê meteu-me em boas!

GREGÓRIO

Hein?

LUISINHA (*entrando*)

Que foi fazer, sargento?

GREGÓRIO

Por quê?

VALENTIM

Nada, uma brincadeira! Pelo que vejo, meu irmão seduziu a irmã deste Aragão Furacão que acaba de sair!

LUISINHA

Este homem quer à viva força bater-se com Valentim, julgando que é o irmão. Ouvi tudo dali... Tremia de medo!

GREGÓRIO

Então ainda se queixa de mim por ter salvo a honra de seu irmão? Alcancei-lhe a entrega da espada e o comando da companhia indicada para marchar primeiro e tomar o reduto ao inimigo!

VALENTIM (*horrorizado*)

Um reduto?! Misericórdia!!...

LUISINHA

Isso é que não consinto.

GREGÓRIO

Esteja calada, faça favor.

LUISINHA

Valentim, proíbo-lhe que tenha coragem!

VALENTIM

Por esse lado, fica descansada. — Não me faltava mais nada! Que diabo, ou não sou soldado, sou funileiro! Não faço proezas, faço canecas. Sou muito amigo de meu irmão, mas isto assim já passa de amizade! Já fiz bastante por sua causa!

GREGÓRIO

Agora é pegar-lhe com um trapo quente! Se descobrem que não é o capitão, fuzilam-no!

VALENTIM

Onde me vim meter, meu Deus?!

GREGÓRIO

Faça de conta que embarcou. Não há remédio senão esperar a borrasca! Se tem amor a seu irmão, é marchar para a frente, com mil diabos! Nem todos que entram em campanha morrem! Aqui estou eu que sempre saí são e salvo!

VALENTIM

Vossa Mercê está habituado. As balas já o conhecem e não lhe fazem mal. Mas eu...

LUISINHA (*chorando*)

Valentim, se vais bater-te, nunca mais te verei!

VALENTIM

Disso é que eu tenho medo, Luisinha. Eu, metido numa batalha, sem entender nada daquilo... Dão-me cabo do canastro com toda a certeza!

GREGÓRIO

Cobri-lo-ei com meu corpo...

VALENTIM

Sim, mas, se o atravessarem, a mim também me há de tocar alguma coisa... Nada! É impossível... Vou fugir!

LUISINHA

Isso! isso!

GREGÓRIO

Pois bem! Fuja, com trinta milhões de granadas! Mas saiba que é a Vossa Mercê que seu irmão vai dever a sentença de morte!

VALENTIM

Ai, Jesus! que farei? Não haverá algum remédio para ser valente sem correr perigo? (*Ouvem-se descargas de fuzil*) Ai!

GREGÓRIO

Ouve? Já começam as guerrilhas!

VALENTIM

Nossa Senhora do Livramento me acuda!

GREGÓRIO (*tomando-lhe o braço*)

Vamos! Valor! Um homem é um homem! (*Música na orquestra*) Olhe, aí vem a companhia formada! Que prazer terá seu irmão quando souber que foi ele quem tomou o reduto!

(*A orquestra toca com toda a força. Aparece a companhia em ordem de marcha*)

CENA XIII

Os mesmos, o ajudante-de-ordens, soldados.

CANTO

O AJUDANTE

A companhia espera o Capitão.

GREGÓRIO *(a dois soldados)*

Vão buscar o cavalo!

(Os dois soldados saem)

VALENTIM

Que grande abalo!

Que comoção!

Foram buscar o cavalo...

Ai, que triste situação!

Já não me posso

Nas pernas ter!

Tenho medo, que me coço!

Vou de medo aqui morrer!

(Os dois soldados voltam, trazendo pela rédea um magnífico cavalo, perfeitamente ajaezado)

CORO

O cavalo! o cavalo!

GREGÓRIO

Eis o cavalo ardido

Do grande Jorge Braga,

O militar indômito

Que nunca fraquejou!

Que o leve à guerra intrépido!

Que triunfante o traga!

Cavalo assim tão trêfego

Nunca ninguém montou!

CORO

Eis o cavalo ardido, etc...

GREGÓRIO *(a um soldado, depois de agarrar em Valentim, que treme)*

Queira ajudar-me a pô-lo em cima. (*À parte*)
O desgraçado não se anima!

(Conseguem a muito custo fazer com que Valentim monte a cavalo)

VALENTIM (*montado*)
Adeus, ó Luisinha!
Adeus, amores meus!
Adeus, querida minha!
Talvez pra sempre adeus!

VALENTIM e LUISINHA (*clamando*)
Adeus, adeus! adeus!

CORO
Viva e reviva o Capitão!
De exemplo sirva ao fracalhão!

(Sai Valentim à frente de toda companhia. Segue-os o ajudante de ordens)

CENA XIV

Luisinha (só).

LUISINHA
Valentim, meu marido! Levam-no!... e eu não tenho forças para acompanhá-lo! Infeliz! Que vai ele fazer no meio de uma batalha? Se não morrer de uma bala, morre de susto com toda a certeza! (*Ouvem-se descargas*) Virgem Santa! (*Tapa os ouvidos*) Agora é que ele morre! (*Cai de joelhos*)

PRECE
Virgem puríssima,
Virgem das Dores,
Ai, compadece-te,
Virgem, de mim!
Roubam-me os cândidos,

Castos amores!
Resgatem lágrimas
Meu Valentim!

CENA XV

Luisinha, Pantaleão.

PANTALEÃO

Senhor Capitão Jorge Braga, aqui tem a ordem!

LUISINHA (*erguendo-se*)

Quem é? Quem procura? Traz notícias dele? Mataram-no?

PANTALEÃO

Mataram-no? A quem?

LUISINHA

Ao Capitão, a meu marido!

PANTALEÃO

Que diz, minha senhora? O Capitão é casado?

LUISINHA

Quase. Devíamos casar ontem. Mas alguns contratempos houve, e só amanhã seremos marido e mulher!

PANTALEÃO

Ah! infame! Já agora compreendo por que ele andava a bordejar... bordejar!... Mas hei de encontrá-lo! Quero beber-lhe o sangue, com mil diabos!...

LUISINHA

Também este! Toda a gente quer matá-lo, coitado!

PANTALEÃO

Ele onde está?

LUISINHA

A estas horas, no outro mundo. Não ouve as descargas? Foi com os soldados tomar um reduto. Matam-no sem compaixão!

PANTALEÃO

Há um Deus para os velhacos! Morrerá com honra, como morrem os heróis!

LUISINHA

Mas por que deseja que morra o meu Valentim?

PANTALEÃO

Valentim!? Quem lhe fala em Valentim? Refiro-me ao Capitão Jorge Braga! Esse monstro desonrou a família Beltrão de Aragão!

LUISINHA

Ah! é o tal capitão de navio! Se o Valentim escapar às balas dos holandeses, virá com certeza morrer às mãos deste Ferrabrás!

(Ouvem-se aclamações)

PANTALEÃO

Vozes...

VOZES

Viva o Capitão Jorge Braga! Viva!

PANTALEÃO

O Capitão Jorge Braga! Aclamam-no!

LUISINHA *(contente)*

Será possível?

CENA XVI

Os mesmos, Valentim, Gregório, oficiais, soldados, depois o ajudante-de-ordens.

(Valentim entra triunfalmente, a cavalo, trazendo algumas bandeiras holandesas. Gregório vem a seu lado)

MARCHA e CORO

Vitória! vitória!
Saiu vencedor!
Cobriu-se de glória,
De brio e valor!
É coisa notória
Que um bravo aqui está!
Direito pra história
Daqui marchará!

GREGÓRIO *(a Valentim)*
Ânimo! Já não há perigo!

LUISINHA
Como te foste, ó meu amigo?

VALENTIM
O meu cavalo é que deu jeito:
Não quero fama sem proveito.

AJUDANTE
Senhores, em paga
De tanto valor,
Vai o Senhor Jorge Braga,
Por ordem superior,
Ser elevado a major!

CORO
Viva o major!

VALENTIM *(à parte)*
Se eu sou major,
Deve o cavalo
Ser coronel...

AJUDANTE

O general quer abraçá-lo:

Vamos ao quartel!

CORO

Vamos ao quartel!

PANTALEÃO (*à parte*)

Hei de ir também...

VALENTIM (*a Luisinha*)

Comigo vem...

CORO

Vitória! vitória! etc...

ATO III

Sala no palácio do Governador, comunicando ao fundo com a capela do palácio por uma larga porta, na qual pende longo reposteiro. À esquerda, 2º plano, a porta da entrada principal. À direita, na mesma direção, uma porta dizendo para os aposentos do Governador. A esquerda, 1º plano, pequena porta. À direita, uma mesa com instrumentos de matemáticas e de um mapa geográfico.

CENA I

Convidados (cavalheiros e senhoras), depois Valentim, da porta principal, trazendo consigo as bandeiras do segundo ato, acompanhado pelo ajudante de ordens e outros oficiais; depois Gregório e Luisinha; depois um reposteiro.

CORO DE CONVIDADOS

Que esplêndido sarau! que lindo baile fúlgido!

Do dia o grande herói merece muito mais!

Matias de Albuquerque está satisfeitíssimo,

E honra destarte a flor de seus oficiais

(*Ouvem-se aclamações*)
Ei-lo aí vem! Que Deus o traga!
É o valoroso Jorge Braga!

VALENTIM (*entrando e declamando*)
Obrigado, meus senhores, muito obrigado!

CORO
Tu que pra glória vais e da vitória vens,
Mais uma vez recebe os nossos parabéns.

(*Grandes medidas*)

VALENTIM
Minhas senhoras... meus senhores... confundem-me tantos cumprimentos. Creiam que nada fiz, nada, absolutamente nada. Outro qualquer faria o mesmo.

O AJUDANTE
O Major é a modéstia personificada!

VALENTIM (*à parte*)
Quantas honras estou usurpando ao meu cavalo! (*Vendo Gregório e Luisinha, que entram e se aproximam timidamente*) Ah! estão aqui? Meu amigo, endoideço, não há que ver! Tenho que ir à presença do Governador; verá que não digo palavra e faço asneira!

LUISINHA
Cautela!

GREGÓRIO
Não esqueça a lição, e fale o menos que puder.

O REPOSTEIRO (*aparecendo a porta dos aposentos do Governador*)
O Senhor Governador recebe o Senhor Major Jorge Braga, e os demais senhores oficiais que o acompanharem.

VALENTIM

Agora é que são elas!

GREGÓRIO

Ânimo!

LUISINHA

Coragem!

AJUDANTE

Vamos!

(Valentim e os militares entram nos aposentos do Governador; os demais convidados espalham-se e saem por diversas direções. Só ficam em cena Gregório e Luisinha)

CENA II

Gregório, Luisinha.

LUISINHA

Diga-me, Senhor Gregório, nós ficamos aqui?

GREGÓRIO

Esteja tranquila, ninguém nos mandará sair. Hoje é dia de sarau... e o jardim do palácio está aberto ao público.

LUISINHA

Isso é o jardim; mas nós estamos...

GREGÓRIO

Dentro de casa; que tem isso? Ai, que a menina está me saindo mais medrosa que o tragalhadanças do seu noivo! Ontem, no campo, parecia outra, com seiscentas bombas!

LUISINHA

Era para dar-lhe coragem. Hoje, confesso que o que mais me preocupa é o tal Pantaleão de Aragão.

GREGÓRIO

Ora, esqueça-se disso!

LUISINHA

Tenho muito medo que ele mate o meu pobre Valentim...

GREGÓRIO (*impaciente*)

E que importa?

LUISINHA

Que importa? É boa!

GREGÓRIO

Não é isso o que me inquieta. Receio que o latoeiro faça alguma em presença do Governador... e Matias de Albuquerque não é para graças. Queira Deus lhe aproveite a lição que lhe dei hoje pela manhã. Vai Vossa Mercê, disse-lhe eu, vai Vossa Mercê, coloca-se diante do Governador, e diz-lhe: — "Aqui tem Vossa Senhoria as bandeiras que eu tomei ao inimigo: onde quer que as ponha?" — Ah! fosse a coisa comigo, com seis mil bacamartes!... Mas o seu noivo é um maricas, o que aliás não impede que seja um grande herói.

LUISINHA

Um grande herói?

GREGÓRIO

Herói à força, é verdade, mas herói! Não foi o primeiro nem será o último!

COPLAS

I

De pimpão ganha fama um soldado
Que, em ouvindo o troar do canhão,
Cai sem forças no chão desmaiado,
Se das tripas não faz coração.
Mas no campo, no ardor da peleja,
Capacita-se o grande poltrão
Que, se morre o que mais esbraveja,
Também morre o que é menos pimpão...
Isto dói!
Isto dói!
Faz-se à força um grandíssimo herói!

II
Sem que um tipo à vitória se arroje,
Acontece ficar vencedor;
Muitas vezes, pensando que foge,
Vai prodígios obrar de valor!
Deste modo um poltrão, que não sente
Sem tremer um rufar de tambor,
Ganha reputação de valente
E vai postos galgando a vapor!
Isto dói!
Isto dói!
Faz-se à força um grandíssimo herói!

LUISINHA (*prestando ouvidos*)
Sargento não ouve?

GREGÓRIO
Nada!

LUISINHA (*indo à porta dos aposentos do governador*)
Não me engano...

GREGÓRIO
Que é?

LUISINHA
Um falatório...

GREGÓRIO
Sim, tem razão, agora ouço. Não há que ver: seu noivo entornou o caldo.

LUISINHA
Estou mais morta que viva! Vá ver o que foi, sargento.

GREGÓRIO (*entreabrindo a porta e espreitando*)
Não se engana a menina, com mil raios! veja lá... no fundo do corredor... ao pé da escada... formam-se grupos de oficiais... parecem todos inquietos. Que aconteceria, com cem mil buchas?!

LUISINHA
Naturalmente deram pelo embuste. Matam-no com toda a certeza!

GREGÓRIO (*sempre espreitando*)
É ele... vem descendo a escada...

LUISINHA
Preso?

GREGÓRIO
Não — livre; mas pálido, desfeito... Já me viu... Dirige-se para este lado... Vamos saber tudo!...

LUISINHA
Sargento, parece-me que vou perder os sentidos.

GREGÓRIO
Irra! transfira o seu faniquito para amanhã, com todos os diabos!...

CENA III

Os mesmos, Valentim, que entra amedrontado.

TERCETINO E COPLAS

GREGÓRIO (*tomando-o pelo braço*)
Que aconteceu?

LUISINHA (*tocando-o pelo outro braço*)
Que sucedeu?

VALENTIM
Tudo perdido está!

LUISINHA
Meu Deus!

GREGÓRIO
Explique-se!

VALENTIM
Vá lá!

I
Passei pelo corredor;
Entrei num grande salão;
E o nosso Governador,
Ao ver-me estendeu-me a mão;
Dei-lhe as bandeiras
Que ao inimigo
Eu... Jorge, digo...
Ontem ganhou;
E ele, contente,
C'um forte abraço
Meu espinhaço
Quase quebrou!

OS TRÊS
E ele, contente,

C'um forte abraço
Meu espinhaço
Seu espinhaço
Quase quebrou!

II

Nisto, um velho militar
Entra também no salão,
E ao governador vai dar
Um papel que traz na mão...
Ergue-se em fúria,
Todo irascível,
Esse terrível
Governador!
Levar a breca
Na flor da idade
É, na verdade,
Constristador!

OS TRÊS

Levar a breca, etc...

GREGÓRIO

Mas, afinal de contas, que dizia o tal papel?

VALENTIM

Não sei, mas suponho que era uma denúncia anônima. O Governador abriu-o, leu-o, amarrotou-o encolerizado, e, olhando fixamente para mim, disse-me: — "Ordeno-lhe, senhor, que não saia do palácio sem minha ordem." — Sim, senhor, respondi eu sem saber o que dizia nem de que freguesia era.

LUISINHA

O Governador sabe de tudo! Meu pobre Valentim!

GREGÓRIO

Meu pobre Capitão! Mas quem seria o patife que nos traiu? Se eu soubesse! ai, que se eu o soubesse, com trinta mil raios que o partam!...

VALENTIM

Vem gente... chegou a minha última hora.

GREGÓRIO

Vamos! calma... dignidade... Pense na farda que traz vestida.

VALENTIM

Isto não é uma farda: é uma camisa de onze varas.

(O Governador Matias de Albuquerque aparece a direita)

CENA IV

Os mesmos, Matias de Albuquerque.

O GOVERNADOR

Ah! está ali...

OS TRÊS *(à parte)*

O Governador!...

GOVERNADOR *(falando para dentro)*

Não quero que interrompais a conversação que vou ter com o Major Braga. Durante esse tempo diverti-vos; por enquanto não há motivo para tristezas... Dançai um minuete... *(A Valentim)* Temos que conversar. *(Vendo Gregório e Luisinha)* Que gente é esta?

GREGÓRIO *(com uma continência)*

Sargento Gregório, meu Governador.

VALENTIM *(imitando-o)*

Sargento Gregório, meu Governador.

GOVERNADOR

Conheço-te de nome... és um bom soldado.

GREGÓRIO

É favor.

VALENTIM

É favor.

GOVERNADOR

E esta menina?

VALENTIM

Esta menina é... é uma menina... minha cunhada, mulher de meu irmão... que é latoeiro... não quis nunca separar-se de mim...

GOVERNADOR

Compreendo... no meio de tantos perigos...

VALENTIM (*à parte*)

Está a zombar de mim.

GOVERNADOR

Sargento, manda transportar para aquele quarto a bagagem do Major; entrarás pela escada secreta que dá para o quintal. Aí encontrarás quem te encaminhe.

VALENTIM (*admirado*)

A minha bagagem!

GOVERNADOR (*tomando Valentim à parte*)

Sim, eu quero tê-lo à mão.

VALENTIM (*à parte*)

Ai! à mão!...

GOVERNADOR

Deixem-nos!

LUISINHA (*a Valentim, desesperada*)

Deixar-te... numa ocasião destas...

VALENTIM

Queira desculpá-la, meu Governador...

GOVERNADOR

Esta apreensão é natural. (*Indicando a pequena porta da esquerda*) A menina pode dispor daquela alcova durante algumas horas.

VALENTIM (*baixo a Luisinha*)

Algumas horas, ouves? Parece que a coisa não se demorará muito!

GOVERNADOR (*a Valentim*)

A separação parecer-lhe-á depois menos penosa.

VALENTIM

A separação, ouves?

GREGÓRIO (*baixo a Valentim*)

Tenha coragem, com mil infernos! (*Baixo a Luisinha*) Venha!

LUISINHA

Que irão fazer-lhe, meu Deus!

VALENTIM

Adeus, Luisinha, adeus! (*Abraça-a e beija-a às escondidas do Governador. Gregório separa-os e leva Luisinha; saem pela pequena porta da esquerda*)

CENA V

Valentim, o Governador.

GOVERNADOR

Estamos sós... ouça-me...

VALENTIM (*esforçando-se por se mostrar tranquilo*)
Às ordens do meu Governador.

GOVERNADOR

Recebi, em sua presença, uma comunicação que me encheu de cólera!

VALENTIM (*suplicante*)
Mas...

GOVERNADOR

Passou, felizmente. Estou agora perfeitamente tranquilo. Mas imagine que nesse papel me participavam que os holandeses atacaram a povoação de Serinhaém!

VALENTIM

Hein? Como? (*À parte*) E eu temia! Agora respiro! (*Alto*) Com que então, os Senhores holandeses?

GOVERNADOR (*com mistério*)

Ocuparam a povoação, apoderaram-se do tenente-coronel Rodovalho, que comandava a guarnição ali destacada e fuzilaram-no!

VALENTIM

Fuzilaram o Tenente-coronel Rodovalho? aquele excelente Rodovalho?... (*À parte*) Nunca o vi mais gordo...

GOVERNADOR (*com ímpeto*)

Guerra! guerra sem tréguas nem piedade!

VALENTIM (*procurando animar-se*)
Sem piedade!

GOVERNADOR

Guerra terrível! O sangue pede sangue!

VALENTIM

Pois demos-lho! (*Pragueja como no segundo ato*)

GOVERNADOR (*andando de um lado para o outro*)

Ah! corja de infieis! assassinais cobardemente um homem que não vos poderia oferecer resistência? Pois bem! não vos enviaremos um parlamentar que vos obrigue a abaixar humildemente a cabeça: enviar-vos-emos um terrível guerreiro, um herói que não conhece perigos nem hesitações! (*Parando em frente de Valentim e pondo-lhe a mão no ombro*) Esse herói, ei-lo!

VALENTIM (*caindo numa cadeira*)

Ai!

GOVERNADOR (*sem dar atenção a Valentim e indo examinar o mapa geográfico que está sobre a mesa*)

Nada de piedade, Major, nada de comiseração! A coragem, quase sobre-humana, que ontem mostrou, assegura-nos o sucesso de nossas armas. Não consulte o seu coração; consulte unicamente a sua espada!

(*Valentim, sem poder falar, tem respondido por gestos a tudo isto*)

VALENTIM (*à parte*)

Eu estouro! Precisava sangrar-me!

GOVERNADOR

Partirá daqui a três horas.

VALENTIM (*balbuciando*)

Daqui a três horas? (*Ergue-se*) Mas, meu Senhor, eu não estou preparado...

GOVERNADOR

Compreendo... Quer combinar comigo o plano de campanha. É muito acertado! Reconheço nisso um bom militar. Aqui temos o mapa de Pernambuco. (*Vai sentar-se à mesa*) Sente-se diante de mim.

VALENTIM (*à parte, aproximando uma cadeira...*)
Antes uma dúzia de redutos! (*Senta-se*)

GOVERNADOR

Marquemos os pontos estratégicos... pare... os holandeses estão aqui... cá está o ponto atacado. As nossas tropas estão divididas em dois troços, um aqui, em Jaboatão... outro no Recife. Que fará o Major?

VALENTIM (*depois de ter por muito tempo examinado a carta*)
Eu?

GOVERNADOR

Sim, vejamos...

VALENTIM

E Vossa senhoria?

GOVERNADOR (*com modéstia*)

Eu ia por aqui... pelo Cabo... pois, como sabe, aqui, por Nossa Senhora do Ó, não há estrada que preste.

VALENTIM

É justamente a minha opinião.

GOVERNADOR

Mas se o inimigo se dividisse, e atacasse a vanguarda pelo Rio Formoso, e a retaguarda pela Gameleira, como Vossa Mercê salvaria o centro?

VALENTIM

O centro? o centro? Vossa Senhoria compreende muito bem que o centro é o que se deve salvar em primeiro lugar, porque o centro...

sim, que diabo! o centro... é tão importante!... O Governador naturalmente tem lá sua ideia...

GOVERNADOR

Eu atravessaria o Rio Serinhaém e ocultava-me no mato.

VALENTIM

Pois eu, salvo melhor aviso... eu atravessaria o rio e ocultava-me no mato aqui. (*Aponta no mapa*)

GOVERNADOR

Mas é justamente o que eu acabo de dizer.

VALENTIM

Nesse caso, somos da mesma opinião... Eu julguei que Vossa Senhoria preferisse...

GOVERNADOR

Quê? Vir por mar e entrar na Barra das Jangadas? Nunca!

VALENTIM

Nunca! nunca! É preciso atravessar o mato e ocultar-se no rio... não! quero dizer... atravessar o rio e ocultar-se no mato.

GOVERNADOR (*erguendo-se*)

Muito bem, Major, estamos perfeitamente entendidos... É preciso que em cinco ou seis dias se decida esta campanha; os holandeses desejam internar-se, e convém frustrar-lhes os planos. O Major vai arriscar os seus dias; mas os homens de sua têmpera não fazem caso da vida.

VALENTIM (*encolhendo os ombros com ar de pouco caso*)

Oh! (*Arrependido*) Entretanto, confesso que esta comissão causa-me sérios transtornos... Depois da guerra, a gente pensa em descansar... Eu estou com um casamento meio tratado...

GOVERNADOR

Que está dizendo? Não tem o direito de recusar!...

VALENTIM

Bom... se não tenho direito...

GOVERNADOR

E eu terei muito prazer em recomendá-lo à proteção de el-rei Dom Filipe III. (*Sai pela direita*)

CENA VI

Valentim, depois Pantaleão.

VALENTIM

Bonito! lá vou eu para Serinhaém, um lugar onde fuzilam os tenente-coronéis! Que me farão eles a mim, que sou um simples major? Que farei? Dizer que não quero? Fugir? Então pagará tudo meu irmão! Estou bem arranjado!

COPLAS

I

Sou, por mal dos meus pecados
Neste mundo perpetrados,
O mais bravo dos soldados
E o beijinho dos heróis!
Eu não gosto de ver fardas,
Tenho horror às espingardas!
'Stou metido em calças pardas!
'Stou metido em maus lençóis!

Que destino traiçoeiro!
Na batalha vai morrer
O funileiro
Menos guerreiro
Que pode haver!

II

Se uma bala vem perdida
Que em dois homens me divida,
Perco logo a bela vida,
Não a perde meu irmão!
Mas, se escapo (o que duvido)
Sem sequer ficar ferido,
Meu irmão é promovido
E eu não tenho promoção!
Que destino traiçoeiro, etc.

PANTALEÃO (*entrando*) Andava a dar-lhe caça, senhor!

VALENTIM (*à parte*)

Ai, ai! agora este! Era só o que me faltava!

PANTALEÃO

Segui-o desde Jaboaão só para o provocar de novo. Agora venho com tenção diversa. Cedi às súplicas e ao pranto de minha irmã... jurei que ferrava o pano... bem vê: estou em calma podre... nem sequer praguejo, com um milhão de jacarés! Aqui tem as suas cartas e o seu retrato; faça o favor de restituir-me também as cartas de minha irmã.

VALENTIM (*balbuciando*)

As cartas... sim... quer as cartas, não é isso?

PANTALEÃO

É preciso que não fique uma só em seu poder; entende?

VALENTIM

Entendo. Mas é que eu não as tenho comigo.

PANTALEÃO

Com seiscentos milhões de diabos! não espero nem mais um minuto! As cartas!

VALENTIM

Preciso ir buscá-las... e não me dão tempo para isso. Parto para Serinhaém agora mesmo... Não sabem que fuzilaram o Rodovalho? Não pude obter que transferissem a viagem... nem mesmo alegando eu negócios de família... o meu casamento...

PANTALEÃO

O seu casamento?

VALENTIM (*à parte*)

Escapului-me!

PANTALEÃO

Pois casa-se, e não é com Dona Guiomar Beltrão de Aragão?

VALENTIM

Não há meio de conversar com este homem! E quem lhe disse que não é com Dona Guiomar Beltrão de Aragão que me caso?

PANTALEÃO

Que ouço! Será possível?!

VALENTIM

Já se vê que é possível.

PANTALEÃO

Bem! vejo que é honrado... como um marinheiro! Recusou uma reparação à minha violência... e agora vem conceder-me de *motu proprio*! Bravo!

VALENTIM (*à parte*)

De *motu proprio*, ladrão!

PANTALEÃO

Mas dizia então que lhe não foi possível obter transferência da viagem?

VALENTIM

Debalde fiz eu que isto de ir a Serinhaém tanto podia ser hoje como amanhã; não me atenderam!

PANTALEÃO

Pois hão de atender-me a mim!

VALENTIM (*à parte*)

Alcançará ele?

PANTALEÃO

Tive ocasião de prestar um dia um grande serviço a Matias de Albuquerque, e ele prometeu satisfazer o primeiro pedido que eu lhe dirigisse.

VALENTIM

Pois peça-lho, peça-lho, meu bom cunhado!

PANTALEÃO (*tomando a mão de Valentim*)

Oh! essas palavras tornam-me feliz, com mil diabos! Que alegria vai ter minha irmã, que está aqui, no palácio, à minha espera, lá embaixo! Jorge, dou-lhe a minha palavra de honra que não partirá solteiro! (*Sai apressado pela direita*)

CENA VII

Valentim, depois Luisinha.

VALENTIM

Uma transferência! Estou salvo!

LUISINHA (*aparecendo com precaução*)

Ainda estás vivo?

VALENTIM

Creio que sim. O Governador não sabe de nada.

LUISINHA

Respiro.

VALENTIM

Mas, sabes? queriam mandar-me atacar, holandeses em Serinhaém!

LUISINHA

Meu Deus!

VALENTIM

Mas já não vou; fico.

LUISINHA

Deveras?

VALENTIM

O pior é que o Aragão Furacão voltou.

LUISINHA (*assustada*)

Voltou?!

VALENTIM

Enviado pelo céu. Ele é que faz com que eu não vá para a guerra.

LUISINHA

Como assim?

VALENTIM

Porque deseja a todo o transe casar-me com a irmã, e eu...

LUISINHA

E tu?

VALENTIM

Prometi casar-me.

LUISINHA (*estupefata*)

Prometeu casar-se! E então eu?!

VALENTIM

Não te aflijas... o principal era ganhar tempo. Que diabo! um casamento nunca se faz assim do pé pra mão... Eu levo a remanchar, a remanchar... o Jorge volta, toma o seu lugar, nós regressamos às nossas canecas e aos nossos funis, casamo-nos e...

LUISINHA

Já lhe perdi as esperanças! Valentim; serás obrigado a casar com essa mulher! (*Chora*)

VALENTIM

Oh! não chores!

DUETO

VALENTIM

Não te aflijas, que ainda espero
Nos ver felizes!
Nos teus olhos ver não quero
Dois chafarizes!
Um casório não é cousa
Que assim se faça!

LUISINHA

Não mais serei tua esposa!
Oh! que desgraça. (*Chora*)

VALENTIM

Não chores, meu amor!

LUISINHA

Eu choro, sim, senhor!
Por que não descobre tudo?
Por que assim me sacrifica?

VALENTIM

Pois não sabes, minha rica,
Que...

LUISINHA

Que o quê, seu cabeçudo?
Que...

VALENTIM

Pum! pum! pum!
Podem mandar-me fuzilar?!

LUISINHA

Pum!
Pum! pum!
Pois deixá-lo estar! (*Chora*)

VALENTIM

Não chores!

LUISINHA

Eu choro
'Té mais não poder!
Perdi meu tesouro!
Não me posso conter!
Ai! ai! ai!
Meu Valentim casar-se vai!

JUNTOS

LUISINHA

Eu choro, sim, choro,
'Té mais não poder
Perdi meu tesouro!
Não me posso conter!
Ai! ai! ai!
Meu Valentim casar-se vai!

VALENTIM

Suspende esse choro!
Reviva o prazer!
'Stá aqui teu tesouro!
Não te podes conter!
Ai! ai! ai!
Teu Valentim casar não vai!

CENA VIII

Os mesmos, o Governador, acompanhado por dois oficiais, a quem dá ordens em voz baixa.

GOVERNADOR

Major, o seu desejo vai ser satisfeito. Aprovo o seu casamento com Dona Guiomar de Aragão.

VALENTIM *(baixo a Luisinha, com alegria)*

Vês? Não vou a Serinhaém!

GOVERNADOR

Mas, como não desejo que este casamento retarde a expedição de que há pouco falamos, receberão a bênção nupcial agora mesmo, ali, na capela do palácio. Já mandei prevenir a noiva e o meu capelão.

VALENTIM

Agora mesmo!

GOVERNADOR

Assistirei à cerimônia. Só amanhã partirá para Serinhaém.

VALENTIM

Amanhã...

GOVERNADOR *(dando um rolo de papel a Valentim)*

E aqui tem o meu presente de noivado. A sua promoção a tenente-coronel; faltava-lhe esse posto para substituir o infeliz Rodovalho.

VALENTIM *(à parte)*

E morrer fuzilado!

GOVERNADOR *(aos oficiais)*

Acompanhem-me, senhores. *(Sai pela direita, acompanhado pelos oficiais)*

CENA IX

Valentim, Luisinha, depois Gregório.

VALENTIM

Casado!

LUISINHA

Casado! Ah! (*Cai desmaiada numa cadeira*)

VALENTIM

Luisinha! Luisinha! Perdeu os sentidos! Volta a ti... Olha, vou descobrir tudo! Ora adeus! sim, vou descobrir tudo, aconteça O que acontecer!

GREGÓRIO (*entrando agitado pela portinha da esquerda a Valentim*)

Vamos! Depressa! Entrem! Trago uma grande notícia!

VALENTIM (*a ver se Luisinha volta a si*)

Sargento, estamos perdidos!

GREGÓRIO

Estamos salvos!

VALENTIM

Hein?

GREGÓRIO

É preciso que o não vejam aqui. Entre, com mil raios!

VALENTIM

E Luisinha?

GREGÓRIO

Eu cuidarei dela. Mas entre! (*Empurra-o para dentro e volta a Luisinha*) Pobre pequena! que alegria há de ter quando souber!

CENA X

Luisinha, desmaiada, Gregório, Pantaleão, depois Jorge, depois o Governador, a noiva, o capelão, oficiais, convidados.

PANTALEÃO (*entrando encolerizado*)

Isto é demais! isto é demais! Vem ou não vem este maldito Major Braga?

JORGE (*aparecendo pela portinha da esquerda com dignidade*)

Aqui estou, meu querido cunhado, e pronto a acompanhá-lo.

PANTALEÃO

Venha depressa. O Governador espera-nos.

(Correm os reposteiros do fundo e vê-se a capela, brilhantemente iluminada. O Governador, os oficiais, os soldados e as damas formam grupos; Jorge cumprimenta o governador, e vai buscar pela mão a irmã de Pantaleão, que está vestida de noiva. Durante o coro, o capelão celebra o casamento no altar, ao fundo. Luisinha volta a si aos poucos, ajudada por Gregório. Olha em roda de si estupefata; depois vê Jorge e tudo quanto se passa ao fundo)

CORO

Sejam virtuosos
Estes dois esposos;
Gozos e mais gozos
Lhes depare amor!
No seu lar contente
Vingue eternamente
Vivida e virente
Da alegria a flor!

LUISINHA (*desesperada enquanto continua a cerimônia*)

Meu Deus! que vejo! Valentim! (*Quer precipitar-se para o fundo; Gregório impede-a*)

VALENTIM (*aparecendo pela portinha da esquerda, vestido como no primeiro ato*)

Enfim!

LUISINHA

Ah! (*Lança-se nos braços dele*)

VALENTIM (*olhando para o fundo, onde se vê Jorge, de costas, a casar-se*)

O meu querido irmão lá está!

LUISINHA

Onde ele estava? Digam lá!

GREGÓRIO

É longa história, que depois

Hão de saber os dois!

OS TRÊS

Oh! que ventura! Até pela manhã

Desejara cantar o rataplã...

Rataplã!

Rataplã!

CORO (*a meia voz, na capela*)

Sejam venturosos, etc.

(*Jorge, a noiva, o capelão, o Governador e Pantaleão retiram-se pelo fundo.*)

(*Os demais personagens descem ao proscênio, entoando o rataplã*)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com